

Paris (ainda) é uma festa.

A saída de nosso país coloca-nos na condição (boa e ruim ao mesmo tempo) de estrangeiros. Não se trata apenas de uma condição legal, mas da sensação de estar e ver as coisas com um olhar externo e fazendo o delicioso esforço de sorver tudo que for possível.

O sentir-se estrangeiro dá muita saudade das pessoas queridas, por isso é que horas depois da chegada já dá vontade de escrever contando um pouco das primeiras impressões.

Paris continua uma cidade linda e merece todos os bons adjetivos que sempre se associam ao seu nome.

Muitas observações (feitas em poucas horas e, por isso, sujeitas aos impactos das impressões rápidas) são comparativas à primeira vez em que chegamos aqui para morar, por 14 meses, há exatos 15 anos atrás. Estivemos aqui outras vezes, nesse meio tempo, mas hoje depois de chegarmos, tivemos muita vontade de andar pela cidade, o que não fazíamos há muito tempo e realizamos um percurso a pé de duas horas.

A cidade está mais limpa do que antes: as fachadas restauradas com o sistema de jato de areia, estão mais limpas e bonitas e mesmo as ruas estão bem nesse aspecto. Na frente dos pequenos restaurantes e pequenas vendas, hoje nas mãos de estrangeiros, há sempre um pouco mais de lixo acumulado, já por volta de 22h, denotando um aspecto desse período da globalização.

Esse talvez seja o aspecto que mais me chama atenção. Paris sempre foi cosmopolita (sem nunca deixar que isso prevalecesse sobre sua francesidade). Já, na primeira metade do século XX, em "Paris é uma festa!" Hemingway destacava pontos que mostram uma Paris internacional.

No entanto, outra coisa é a Paris da globalização. Ela é mais mundial e mais moderna (no sentido econômico ao menos do termo), mas também expressa todas as contradições desse processo de globalização.

Muitos aspectos denotam essa mudança.

- 1) Os carros que circulam pelas ruas são de todas as marcas possíveis (do Japão aos Estados Unidos) e, no geral, muito novos (diferente da Paris de 1994, quando nos chamava atenção a proporção de carros usados e até mesmo antigos, ainda que bem conservados, que circulavam pelas ruas).
- 2) As marcas nas vitrines e nos *out-doors* denotam o mesmo movimento, pois não há mais, apenas, as principais marcas francesas, mas Kenzo ou Zara (para dar um exemplo japonês e outro espanhol) ocupam grandes espaços, o que aparece no jeito internacional dos mais jovens se vestirem.
- 3) Os restaurantes de comida *exotique*, como diriam os franceses, aumentaram em número e diversidade de origem, pois não são apenas italianos, chineses e marroquinos como era comum antes, mas agora vietnamitas, tailandeses, coreanos dominam e há até mesmo um chileno (viu só Oscar?).
- 4) O aumento da presença de imigrantes que vêm trabalhar é enorme: em duas horas, entramos num café, em que nos serviu um negro alto de Guadalupe (colônia francesa da América Central); o dono da pequena mercearia aberta até às 22h deveria ser hindu (para ficar aberta até essa hora jamais seria francês); a caixa do supermercado deve ter vindo de algum país da Ásia, que não pude identificar e balbuciava um francês bem pior que o meu; africanos tomando conta do trânsito perto da Notre Dame num horário de saída de um recital (o que significa que já são funcionários públicos franceses)
- 5) nas ruas, outros reflexos do período da globalização (inclusive aumento do emprego informal) aparecem de forma clara, embora não tenhamos andado de metrô para ver se aumentou o número de pedintes, vimos que já havia nas arcadas da Place de Vosges (um dos pontos mais chiques e tradicionais de Paris) gente se acomodando para passar a noite...

Ah os cafés!!! Continuam mais franceses do que nunca, independentemente da globalização e dos garçons imigrantes. Estavam cheios em plena terça-feira, como se o verão não tivesse ido

embora, já que as mesinhas continuam nas calçadas, todas com as cadeiras viradas para a rua e não para o parceiro da mesa, mostrando que mais importante é ver a cidade, do que conversar (aliás como sempre muitas mesas com uma pessoa, e agora víamos algumas que passavam o tempo falando ao celular). Todos fumando muito (Ah, o Serra por aqui perderia qualquer eleição futura).

O cheiro da cidade continua o mesmo: perfume de pão e de doces que estão sendo feitos em cada *boulangerie* a cada esquina. O cheiro dos franceses ainda não deu para sentir porque não andamos de metrô!

As casas de massas e de outros alimentos semi preparados continuam com suas vitrines bonitas, com seu capricho na arrumação de sempre e hoje vimos uma que tem sushis de todos os tipos (mais uma da globalização).

Os franceses continuam os mesmos. Têm aquela simpatia protocolar (Bonjour madame!!) de quem aprendeu a ser moderno (no sentido da Revolução Francesa) e tem que demonstrar espírito de igualdade em relação aos outros. Nunca uma simpatia afetiva, porque isso seria demais. Enquanto esperávamos pela chave do nosso *studio* na frente do prédio, uma senhora ao sair nos perguntou por que estávamos ali com aquelas malas e como somos brancos e com jeitinho que levanta poucas suspeitas, convidou-nos para entrar no *hall* do prédio abrindo-nos a porta....

Continuam também cartesianos. O jovem simpático que veio nos trazer a chave do *studio* e nos explicar como ligar cada aparelho, a cada nova pergunta nos dizia para esperar porque aquilo seria explicado depois, segundo uma sequência que ele conhecia e nós não, ou seja, uma coisa de cada vez, nada parecido com o nosso estilo brasileiro: tudo ao mesmo tempo.

Estamos morando na Rue de Chemin Vert, ou seja, na rua do caminho verde, perto do Faubourg de Saint-Antoine. É gostoso imaginar as razões dos nomes dessas ruas, lembrando que em "Os Miseráveis", Vitor

Hugo já descreve esse pedaço da como parte da cidade, bem diferente de sua origem quando compunha como o nome – *faubourg* - denota os arrebaldes dela.

Assim, o nosso caminho verde hoje não tem mais nenhum bosque, mas é uma rua densamente ocupada por prédios destinados a um padrão médio de habitação, misturando-se a serviços e comércios de todo tipo nos térreos. Chamou atenção uma série de pequenas confecções de roupas populares, a maior parte com nomes que demonstram que os estrangeiros também entraram nesse ramo aqui em Paris.

Paris, 13 de outubro de 2009

Carminha